

As escolas brasileiras contribuem para diminuir as desigualdades de acesso à natureza?



Quanto verde existe nas escolas das capitais brasileiras? E no seu entorno? Quantas escolas estão localizadas em áreas extremamente quentes ou correm risco de alagamentos, deslizamentos e outros impactos provocados por eventos extremos? Como esses indicadores se relacionam com desigualdades raciais, territoriais, sociais e econômicas?

As respostas que você encontra nesta publicação vêm de um levantamento produzido pelo MapBiomass*. Os dados refletem a realidade de 20.635 escolas de educação infantil e de ensino fundamental, situadas nas capitais de todos os estados brasileiros e em Brasília.

Mas por que falar de natureza e escolas?

Brincar e aprender na natureza e em espaços abertos é fundamental para a saúde física, mental e o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Para muitas delas, a escola pode ser o único lugar onde isso ocorre. Ao mesmo tempo, o clima mudou e é preciso identificar as escolas mais vulneráveis às ondas de calor, alagamentos, enchentes e deslizamentos e agir para reduzir riscos e aumentar sua resiliência. A natureza deve ser fonte de saúde e aprendizado e não uma ameaça para todas as crianças brasileiras.

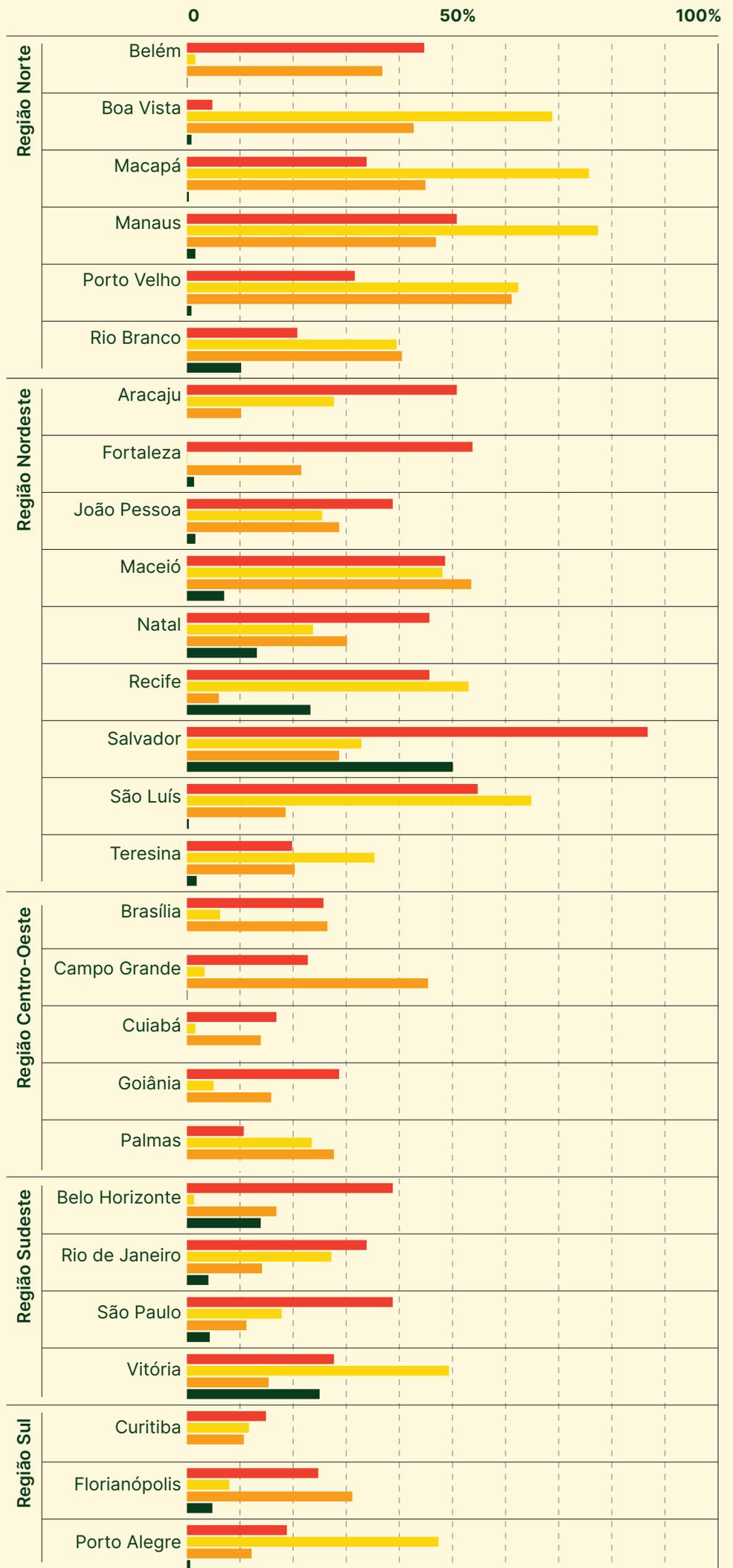
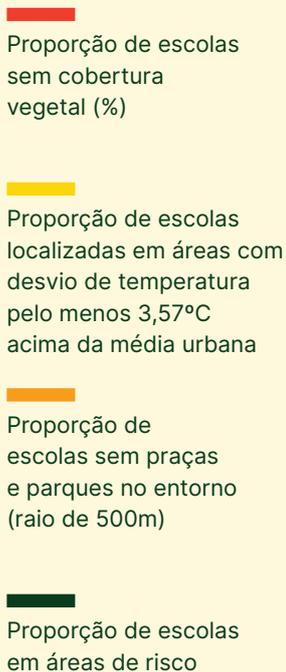


*A metodologia usada pelo Mapbiomas está descrita na [Nota Técnica Uso e Ocupação do Solo nas Escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental das Capitais Brasileiras](#). Sobre essa base, uma análise foi desenvolvida pelo Instituto Alana e pela Fiquem Sabendo, resultando no relatório "[O acesso ao verde e a resiliência climática nas escolas das capitais brasileiras](#)".

Sobre a definição de escolas negras e escolas brancas: a análise foi inspirada e apoiada na metodologia criada pelo CEDRA, que agrega as escolas a partir da autodeclaração racial de seus estudantes. As escolas predominantemente negras são aquelas que têm 60% ou mais alunos autodeclarados negros. As escolas predominantemente brancas são as que têm 60% ou mais alunos autodeclarados brancos.

Acesso limitado

Pátios de cimento, ilhas de calor, poucos parques e praças, alta exposição a riscos climáticos: nas escolas das capitais brasileiras a natureza ainda está longe demais.



A realidade das escolas hoje

1. Proporção de escolas sem área verde no lote

4 entre 10

escolas **não têm nenhuma área verde**. E as escolas públicas têm mais área verde que as escolas privadas



QUEM É MAIS AFETADO?

52,4% As crianças de favelas e comunidades urbanas: 52,4% das escolas nessas áreas não têm nenhum verde

4,4 entre 10 escolas de educação infantil não têm nenhuma área verde

2. Área de praças e parques no entorno da escola

1,5 milhão

de crianças estudam em escolas que **não têm praças e parques** num raio de 500m do seu entorno



QUEM É MAIS AFETADO?

30,1% As escolas com maioria de alunos negros: 30,1% delas não têm praças e parques num raio de 500m do seu entorno

11,4% Nas escolas com maioria de alunos brancos esse índice cai para 11,4%

3. Escolas em ilhas de calor

6 entre 10

escolas estão em territórios com temperaturas pelo menos 1°C acima da média de suas respectivas capitais



QUEM É MAIS AFETADO?

36,4% As escolas com maioria de alunos negros: 36,4% registram temperaturas 3,6°C acima da média de temperatura da sua capital

16,5% Nas escolas com maioria de alunos brancos esse índice cai para 16,5%

4. Escolas em áreas de risco climático

370.530

Crianças estudam em escolas localizadas em **áreas de risco de desastres**, como alagamentos e deslizamentos



QUEM É MAIS AFETADO?

9 entre 10 escolas em áreas de risco estão nesses locais

0,24 entre 10 Nas escolas com maioria de alunos brancos esse índice cai para 0,24 entre 10

Oportunidades e soluções

REMOVER CONCRETO

Nos espaços abertos, substituir o cimento por áreas verdes e incentivar o seu uso para brincar, aprender e para a convivência comunitária nos finais de semana

MULTIPLICAR PRAÇAS E PARQUES

Priorizar o entorno das escolas na hora de criar novas praças e parques — e ampliar a área das já existentes para que todas tenham, em um raio de 500m, acesso a uma área verde

REFRESCAR AS ESCOLAS

Planejar novas escolas e reformar as existentes priorizando o conforto térmico. Adaptar as rotinas para que atividades ao ar livre ocorram nos horários mais frescos do dia ou à sombra

PRIORIZAR ESCOLAS

Políticas públicas de prevenção e redução de riscos devem ter como foco de investimento reformas e construção em áreas seguras e saudáveis



Conclusão

Os dados apontam a total ausência de vegetação em **40% das escolas** nas capitais brasileiras. Essa falta de verde é agravada por desigualdades raciais e econômicas, sendo ainda maior para estudantes que vivem em áreas de favela e comunidades urbanas, e para alunos negros. São eles também que estudam nas escolas localizadas nas áreas mais quentes e vulneráveis a riscos de desastres, em mais um exemplo de racismo ambiental nos territórios brasileiros.

Investir na adaptação e resiliência urbana é urgente e essencial, tanto para nosso bem estar quanto para a nossa sobrevivência. E as escolas têm um papel importante a desempenhar nesse desafio. Incluir mais natureza nos espaços e no currículo, priorizando as pessoas mais afetadas e as áreas mais vulneráveis, é uma oportunidade de promover justiça climática e favorecer uma aprendizagem viva, crítica e conectada à realidade dos estudantes, impulsionando o desenvolvimento de habilidades necessárias ao tempo presente.

COMO SE MANTER INFORMADO?

Acompanhe as redes sociais do Instituto Alana e o portal www.lunetas.com.br

Para conhecer a pesquisa na íntegra, os materiais complementares e as iniciativas do Alana voltadas à natureza, acesse: bit.ly/escolamaismatureza



REALIZAÇÃO



INICIATIVA



CONHEÇA E ACOMPANHE A NOSSA ATUAÇÃO:

 alana.org.br

 [@institutoalana](https://www.instagram.com/institutoalana)
[@porta_lunetas](https://www.instagram.com/porta_lunetas)

 Instituto Alana